

XXIV COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

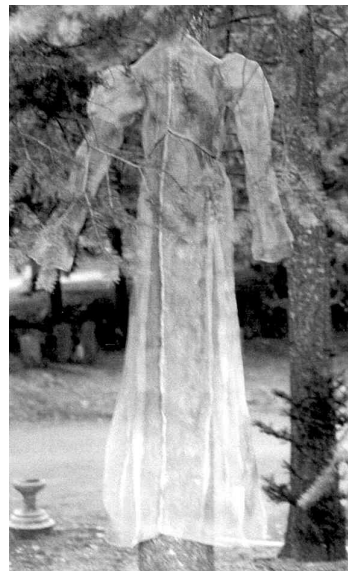
*Manifestações Artísticas contemporâneas em espaços públicos
convencionais (cemitérios secularizados)*

Dra. Maria Elizia Borges
(UFG/ CBHA)

Mini-currículo: Professora nos programas de Pós-Graduação: mestrado em Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais; doutorado em História, na Faculdade Filosofia Ciências Humanas na UFG. Pesquisadora do CNPq. Publicou os livros: *A pintura na “Capital do Café”: sua história e evolução no período da Primeira República* (1999); *Arte Funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto* (2002). Integrante do CBHA, da ABCA, da ANPAP e da AGS. E-mail: maelizia@terra.com.br; www.artefunerariabrasil.com.br.



Formas orgânicas, granito preto, mármore branco,
Cemitério da Stª. Casa de Misericórdia de Porto
Alegre – RS.



Leslie Wilcox, *Nightshirts*
(camisolas). 2002. Tela de
aço pintada. Cemitério
Forest Hills de Boston.

XXIV COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE*Manifestações Artísticas contemporâneas em espaços públicos
convencionais (cemitérios secularizados)*

Dra. Maria Elizia Borges
(UFG/ CBHA)

O século XIX ficou marcado por construções de cemitérios secularizados em centros urbanos da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina. A maioria dessas necrópoles é considerada “lugares de memória”, repletos de jazigos-capelas, túmulos monumentais e esculturas, que transcendem a função utilitária, para se transformarem em monumentos artísticos peculiares do patrimônio cultural de cada local. Eles refletem ainda uma organização inconsciente da memória coletiva, diante da vida e da morte.

Nesta comunicação, procuro investigar determinadas interferências ocorridas nos cemitérios secularizados, realizadas por arquitetos e artistas plásticos: o processo de ampliação do espaço – INTERFERÊNCIAS INSTITUCIONAIS; a introdução de algumas esculturas modernas – INSERÇÃO DA ESCULTURA MODERNA; e a realização de exposições coletivas por artistas contemporâneos – INTERVENÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA. Dessa forma, buscam-se discutir a relação com o passado, o presente e o futuro contido em espaços públicos convencionais, imbuídos de conteúdos simbólicos.

INTERFERÊNCIAS INSTITUCIONAIS

Num primeiro momento, todo cemitério brasileiro do século XIX é implantado em um terreno delimitado, com determinado número de hectares, mas o tempo propicia o acúmulo de óbitos e força sistematicamente à ampliação da área. Cada expansão territorial procura adequar-se aos parâmetros urbanísticos da época, e mesmo o visitante leigo é capaz de perceber onde começa e termina cada novo lote que se agrega ao cemitério. A cada ampliação, normalmente, a Capela, o Cruzeiro e as Fachadas são os componentes construtivos que mais sofrem interferências e, conseqüentemente, a perda das características primordiais (Borges, 2002) ¹.

Em geral, quando não é mais possível aumentar o lugar, inicia-se a demolição de túmulos das alas mais antigas, que são substituídos por outros do tipo moderno. Esse

¹ Hoje já existe a preocupação de construir crematórios em cemitérios já existentes.

processo perdura até o momento em que as autoridades se conscientizam de que o cemitério está saturado e que se deve então preservá-lo como “patrimônio histórico da humanidade”. Mas até se chegar a essa pseudo-ação de preservação, muitos túmulos de valor artístico e histórico se perdem em meio a esse processo, que é lento e moroso. Resguardadas as devidas proporções e mantida a preocupação com a preservação da memória local, podemos afirmar que esse mesmo procedimento também ocorre em outras partes da América Latina e da Europa.

No entanto, há alguns anos, arquitetos europeus e norte-americanos vêm se mostrando atentos à recuperação e preservação do patrimônio artístico e monumental de suas cidades, aí incluídos os cemitérios secularizados, conforme observamos nos projetos apresentados no I Encuentro Internacional sobre los Cementerios Contemporaneos, realizado na cidade de Sevilha, Espanha, em 1991.

Eles também estão atentos à criação de novos parâmetros para os cemitérios contemporâneos, concebendo grandes projetos imbuídos de conteúdo simbólico, dotados de uma renovação formal profunda, sem perder de vista a poética da morte, conforme atestam os projetos de Teodoro de Anasagasti Algán, concebidos segundo uma visão fantástica; de Gunnar Asplund, mais voltado ao classicismo construtivista; e de Aldo Rossi, Robert Auzelle e Carlo Scarpa, influenciados pela corrente historicista. Todos os conjuntos arquitetônicos, independentemente da corrente estilística adotada, se convertem em protagonistas do ritual funerário e se concentram numa só imagem – “refletir a transparência da morte” (Barberán, 1991).

A presente comunicação não tem como objetivo abordar questões pertinentes aos projetos de cemitérios contemporâneos, e sim apresentar um exemplo de ampliação e de adequação à realidade atual, no caso, o projeto de José Antonio Pizarro para o Cemitério em Dima, Espanha, de 1988. Ele projetou, para o espaço ajardinado que liga a igreja ao cemitério, uma construção subterrânea com dois níveis, e conservou o muro e o portão que dá acesso a um recinto cravado por uma seta, que conduz às galerias com nichos, instaladas no primeiro subsolo, tanto no lado esquerdo como no direito. No segundo subsolo, também foram construídas galerias que se comunicam através de uma ambientação circular.

A ventilação e a iluminação das carneiras sobrepostas recebem luz direta do sol, por meio das aberturas externas. Houve um acréscimo de 384 nichos, além do ossário, que foi instalado entre o muro e a parte posterior dos nichos. Diante do projeto, que contém um jogo discreto de formas curvas e retas, podemos detectar um exemplo

simples de ampliação funcional, adequada às necessidades do local, sem, contudo, comprometer a configuração secular do cemitério.

No Brasil, exemplificamos com o projeto de reestruturação do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, da cidade de Curitiba, datado de 1993/95. Esse cemitério foi inaugurado em 1854, conforme consta da Pedra Inaugural, e é o mais antigo da capital do estado do Paraná (Carollo, 1995). O processo de sua construção ocorreu de modo moroso e cheio de percalços, como em todos os demais cemitérios secularizados do país somados à resistência, da época, à obrigatoriedade de enterrar os mortos nesse recinto secular. Ele agrupa, em seu espaço, a síntese da história curitibana, pois lá estão enterrados os mortos da Revolução Federalista de 1894, as pessoas que se enriqueceram com o ciclo da erva-mate, os políticos, os intelectuais, as heroínas populares e as pessoas anônimas. Enfim, muitos daqueles que ajudaram a construir o imaginário coletivo da sociedade paranaense.

No transcorrer dos anos, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula sofreu uma série de reformas e, dentre elas, destacamos a de 1964, que, em meio a outras coisas, substituiu o portão principal, de ferro, pelo pórtico decorado com o mural do artista plástico ítalo-curitibano Franco Giglio, restaurado em 1985. Trata-se de um mural decorativo, que contempla Cristo e Anjos, com formas figurativas estilizadas, expressando o cântico angélico e a ressurreição.

Já o projeto de reestruturação desse cemitério, aqui apresentado, esteve sob a responsabilidade dos arquitetos Fernando Luiz Popp e Mauro José Magnabosco, e teve como pressuposto básico “conferir dignidade ao rito de despedida”, propondo um plano facilitador dos serviços funerários (Corollo, 1995:86). A intervenção adotada ocorreu na entrada do cemitério e no estabelecimento de uma relação mais íntima com a Praça Padre Souto Maior, que fica em frente ao cemitério. Ela foi definida da seguinte forma: foram 1.418 m² de área construída, que convergem para a referida praça, da qual foi retirada uma capela; o portal principal foi ampliado de forma a adequar-se melhor à reaplicação do mural do artista Giglio; e alongou-se essa entrada nas laterais, com galerias em arcadas que dão acesso à praça. Atrás das galerias, foram ampliadas as áreas de serviço e de lazer, contendo nesta uma praça que agrega espelho d’água, bancos, escultura Pietá e um local reservado ao fogo votivo. Construíram ainda três capelas: uma ecumênica; outra, de São Miguel das Almas; e a terceira, de Cristo Ressuscitado.

Estamos diante de um efeito visual estético condizente com os postulados da arquitetura moderna: monumentalidade, amplidão, composição composta pelo jogo de

formas retas e curvas, sombreadas por grandes árvores. O projeto de reestruturação do Cemitério Municipal São Francisco de Paula procura, assim, atender às necessidades do local, do modo mais agradável possível.

Na realidade brasileira, o que mais tem ocorrido nos cemitérios secularizados, que já necessitam de um cuidado especial, é simplesmente a substituição ou a reforma, com uma nova pintura, da entrada principal. O exemplo desse cemitério da cidade de Curitiba demonstra certo arrojo modernista, é funcional e conservou o plano urbanístico do interior do cemitério.

INSERÇÃO DA ESCULTURA MODERNA

Os cemitérios secularizados foram construídos para serem perpétuos, assim como os monumentos ali instalados. O tempo encarregou-se de gerir intervenções e inserções dentro do seu espaço secular. A inserção de projetos arquitetônicos e esculturas modernistas nesses cemitérios caracterizam mais uma atitude particularizada dos arquitetos, escultores e proprietários de jazigos diante da morte do que uma tendência ou movimento preocupado em impor ao local um toque de modernidade. Aliás, os primeiros artistas modernistas brasileiros foram unânimes em criticar esse tipo de cemitério, por refletir o gosto de uma época na qual a sociedade burguesa fazia questão de construir monumentos sobrecarregados de ornatos ecléticos, alguns primando pelo mau gosto (Borges, 2003).

É necessário salientar que as poucas obras modernistas instaladas em cemitérios secularizados cumprem um papel, isto é, reforçam o processo dinâmico e temporal do local, e se sobressaem por reportar a uma composição estilística diferenciada do seu entorno, principalmente no que diz respeito a túmulos de pessoas especiais. Dessa feita, elas são imprescindíveis para a intervenção e a integração no fluxo do tempo, da memória e das idéias do mundo intangível que norteiam o espaço da morte.

O Cemitério Montparnasse é um exemplo típico de cemitério secularizado, que, com o passar dos anos, foi instalando, ali e acolá, esculturas realizadas por artistas modernistas. Foi fundado em 1824, numa área de 19 hectares, na qual se preservou um moinho sem hélices que pertencia à chácara dos Irmãos Frères de la Charité, confiscada na época da Revolução Francesa. Num primeiro momento, ali eram enterrados apenas indigentes. Após 1860, quando passou a pertencer à cidade de Paris, foi subdividido, por ruas e avenidas, em duas partes desiguais e começou, então, a receber enterramentos

de pessoas importantes da sociedade local, inclusive de artistas. Lá estão os túmulos de François Rude, Constantin Brancusi, Antoine Bourdelle, Henri Laurens e Charles Baudelaire (Barozzi, 1990).

Quanto à inserção de obras modernas no local, citamos:

- *Baiser* (O beijo, 1909-1910, calcário, 125cm), obra de Constantin Brancusi (1876- 1957) para o túmulo de Taniocha Rachevskaia, que se suicidou após um amor infeliz (Normand-Romain, 1995). Com essa obra, o escultor deixa uma de suas esculturas mais conhecidas no Cemitério Montparnasse. Estamos diante de um registro de grande essência espiritual, em conformidade com os ditames do Purismo formal, desenvolvido por esse artista romeno. A escultura é constituída com um rigor geométrico, compacto, dos amantes, mal se conseguindo distinguir as suas características individuais (Zanini, 1971). Um símbolo intemporal, compatível com as sínteses da estatuária arcaica, antítese do Beijo de Rodin. Trata-se da primeira obra instalada em um cemitério que evoca tão diretamente o amor humano. O casal, único, despede-se pela última vez e nos deixa perplexos, contemplativos diante de tamanha intimidade e da grandeza expressa pela vida diante da morte.
- *La Roue* (A Roda, granito), obra de Jean Hans Arp (1887-1968) para o túmulo do colecionador Pierre Loeb (+ 1965). O artista Jean Arp foi um dos membros fundadores do Cabaret Voltaire, ao lado de outros dadaístas alemães. Ele sempre procurou, na arte, elementos essenciais da forma, aqui expressos pela *Roda* dotada de ritmos puros, elementares, mas espiritualmente tensos, conforme atesta a sua seta sinusoidal. Para ele, essas formas simples, autônomas, são, dentre outras coisas, “fruto espiritual do homem”, “construtoras de uma outra realidade” (Zanini, 1971:154).
- *Formas arredondadas* (mármore branco, granito preto), escultura de Madame Zao Wou-Ki (1930- 1972), para o seu próprio túmulo. Observamos nessa peça abstrata a forma monolítica que introduz pequeno vácuo nos volumes levemente arredondados, refletidos no granito preto. Coincide, assim, com as expressões orgânicas de Brancusi e Jean Arp, às quais nos referimos acima.

No Brasil, visitando os cemitérios secularizados, podemos encontrar, de forma esparsa, algumas esculturas com propriedades advindas da arte moderna. Existem obras funerárias já codificadas na literatura da história da arte brasileira, como as produzidas pelos escultores Victor Brecheret, Celso Antônio e Bruno Giorgi, que não se

esqueceram de impor ao cemitério um toque de modernidade. Entretanto, elas não foram suficientes para definir uma hegemonia plástica em pelo menos uma quadra dos cemitérios em que estão instaladas (Borges, 2003). Seleccionamos para esta comunicação a leitura visual de dois exemplos de esculturas funerárias que encontramos, ocasionalmente, em nossa pesquisa de campo em cemitérios instalados fora do eixo das grandes metrópoles. Elas procuraram, de certa forma, se inspirar nos parâmetros da arte moderna.

- *Formas orgânicas* (granito e mármore branco), autor desconhecido, túmulo da família Hecker, Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, de Porto Alegre (RS). O “primitivismo” de Brancusi propiciou uma tradição escultórica que se mantém viva nos locais mais inusitados, conforme atestamos nesse túmulo. Consagra-se no emprego de formas naturais, inanimadas, que propiciam poderosas energias plásticas ao monumento. Observamos, de um lado, o agudo senso espacial na distribuição das pedras de mármore branco, praticamente opacas, mas translúcidas, que se espelham sobre o granito preto brilhante da carneira; e de outro lado, o diálogo amoroso de dois totens, também de mármore. Toda essa composição transmite, assim, um sentimento de contemplação do homem diante da vida que se expira.
- *O Piano* (1940, mármore e bronze), escultor Galileo Emendabili (1898-1974), túmulo de Ada Manetti, Cemitério Municipal de Caçapava. O piano estilizado agrupa relevos decorativos também estilizados, dotados de simbolismo cristão, que retratam o reino da natureza e a passagem das pessoas pela vida. Alguns desses elementos reaparecem nas *formelles* da Porta Místico-Profana que o escultor realizou, em 1948, para o jazigo-capela da família Varam Keutenedjian, em São Paulo (Zimmermann, 2000). O contraste visual está na escultura de bronze da pianista, sentada, deslocada para a extremidade esquerda do túmulo. A estilização idealizada da forma persiste: traços reduzidos definem o corpo da bela jovem e o pouco plissê da vestimenta. Essa figura solitária, com expressão altiva e serena, olhando para o alto, absorve uma luz solar que a faz sentir-se mais introspectiva diante do ambiente que a circunda. Trata-se, nesse caso, do reconhecimento de um novo cânone da modernidade brasileira voltado para a arte funerária, da qual Emendabili se tornou um dos seus principais expoentes.

INTERVENÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA

O Cemitério de Forest Hills, fundado em 1848, na cidade de Boston, Estados Unidos, é um exemplo típico de cemitério vitoriano, com uma coleção magnífica de memoriais e esculturas realizadas por artistas da época. As obras, normalmente, representam à natureza, a família e o significado intrínseco da vida e da morte. Elas estão instaladas em um enorme jardim, repleto de diversas espécies de árvores e plantas, distribuídas nos seus 275 hectares. No século XIX, era costume visitar, nos fins de semana, esse “museu ao ar livre”, que havia se tornado em local perfeito para o lazer: piqueniques em torno do lago e visitas aos túmulos de escritores, reformadores sociais e líderes de governo. Eles refletem a rica e diversificada história da Nova Inglaterra. Enfim, um lugar especial para se contemplar, e onde se renovar, descansar e adquirir conhecimento sobre a arte funerária.

Atualmente, o cemitério continua sendo utilizado como ambiente recreativo, além de promover o ritual funerário. Nos fins de semana, além dos piqueniques, podem ser vistos ali ciclistas circulando e crianças com seus cachorros de estimação. Diante dessa realidade, foi fundado o TRUST Educacional do cemitério, com o objetivo de promover projetos voltados às ciências humanas e às programações de artes, englobando uma série de ações dedicadas à memória, à preservação e ao conhecimento do espaço, de modo a refletir o espírito da sociedade contemporânea norte-americana no cemitério. Citamos os programas: “A trilha da Escultura”, efetivado no período de 15 de setembro de 2001 a 31 de agosto de 2002, com a participação de 24 escultores; e “Espíritos nas Árvores”, realizado no período de 16 de junho a 29 de setembro de 2002, com a seleção de 23 artistas contemporâneos. A aquisição dos folders que documentam as exposições nos propiciou a realização desta parte da presente comunicação.

A idéia para “A trilha da Escultura” tomou forma a partir do 150^a celebração do aniversário do Cemitério Forest Hills, em 1998. Na época, foi exibida uma coleção de esculturas contemporâneas, algumas das quais fazem parte da coleção permanente do local. Elas induzem as pessoas a visitarem o cemitério, vivenciarem os monumentos funerários e uma produção de arte contemporânea. Vê-se que os cemitérios são lugares para os vivos e que os monumentos funerários e esculturas ali instaladas dizem mais a respeito de seus autores e de seus clientes, do que sobre as pessoas que ali estão enterradas.

Em que medida os elementos conceituais das esculturas selecionadas em 1998/2001 estão condizentes com todo o simbolismo que o local sugere? Percebe-se que são apresentadas algumas esculturas que resgatam elementos tradicionais da memória, expressos nos túmulos vitorianos e demais cemitérios secularizados dos séculos XIX e XX; enquanto outras procuram uma maneira particularizada de interpretar o sentido espiritual da vida e a transição inevitável e universal desta para a morte.

Com relação às primeiras, temos os seguintes escultores:

- Susan Ferrari-Rowley, *Spirit Vessels (Recipientes do espírito)*, 1998 (vigamento de aço imaculado, soldado com camadas de aeronave de polifibra, 120x34x21½, 144x29¾x29, 168x18x18) – Reinterpreta a eterna chama, outrora simbolizada pela pira. Os três recipientes translúcidos expressam locais de vida em um ambiente de paz e tranqüilidade; uma reflexão do espírito perpétuo que existe em cada um de nós se transformando, assim, em metáforas para a vida, a morte e a vida após a morte.
- Danielle Krmar e Lisa Osborn, *Resting Benches (Bancos de descanso)*, 2001 (concreto e aço, 36x36x21) – Representa a cama, um dos objetos mais empregados nos cemitérios vitorianos. Na cama nascem às crianças, além de ser o local onde as pessoas dormem, se amam, descansam, se curam e, comumente, morrem. O concreto sugestiona o descanso eterno e está moldado conforme o modelo das camas vitorianas.
- Linda Foss Nichols, *Aeolian conduit (Canal de Aeolian)*, 1998 (folha de ouro policromada e madeira, arame de piano e cítara fixa com armação de aço, 192x40x40) – Faz a releitura do obelisco, empregado desde a Renascença como elemento arquitetônico decorativo, e nos cemitérios, como memoriais. Aqui está enfatizada a sua forma acentuadamente direcional, a ligação entre a terra e o céu, isto é, entre a vida e a morte.

Exemplos de escultores representativos do segundo caso:

- Ataru Kozuru, *Magic Bird (Pássaro Mágico)*, 2001 (granitos preto, branco e vermelho, espelho, 26 x12x20) – Simula o vôo espiritual. As variedades do granito simbolizam a beleza da terra e da natureza, uma memória do mundo vivo. Já o espelho capta o presente e o liberta do futuro. O pássaro abstrato figura como metáfora do vôo mortal, ocorrido após a morte.

O “Espíritos nas Árvores”, segunda proposta do Trust Educacional do Cemitério de Forest Hills, tem como objetivo direcionar os artistas a dialogarem visualmente com as magníficas árvores do local, muitas delas com mais de 150 anos. Coube a Henry Dearborn, apaixonado pela horticultura americana, projetar o lugar segundo os parâmetros dos ideais românticos, procurando conectar a natureza com os memoriais ali instalados. As árvores contribuem para o cemitério se tornar um verdadeiro santuário verde, que escapa das pressões da vida da cidade, definindo uma paisagem pitoresca e de qualidades espirituais. As folhas, as flores e os galhos frondosos amenizam a luz, propiciam uma variedade incrível de cores, texturas e formas.

Os artistas listados a seguir recombina e tecem, em suas instalações, temas diversificados, a saber: família, antepassados culturais, natureza, viagem da alma, caráter cíclico da vida, fluxo do tempo e importância da memória:

- Christina Lanzl, *Enchanted Forest (Floresta encantada)*, 2002 (alumínio, cobre, madeira) – Reinterpreta a poética da paisagem local. A artista constrói no metal pictogramas de árvores e animais que vivem na floresta. A luz que penetra por entre as árvores propicia nas peças um diálogo entre esses símbolos visuais universais, dotados de uma aura transcendente e mágica.
- Leslie Wilcox, *Wightshirts (Camisolas)*, 2002 (tela de aço pintada) – Celebra o mito das gerações dos antepassados. Um árvore de cinturão esbelto ostentam camisolas transparentes que se movem com o vento. São lembranças suaves de muitas comunidades representadas nesse lugar especial.
- Madeleine Lord, *Querubim, Serafim*, 2001-2002 (pás descartadas) – Metaforiza a memória do objeto. Ao mesmo tempo em que a pá contribui para romper o solo e plantar uma árvore, tempo para o viver, ela também colabora para escavar o local onde se enterra o morto, tempo para o morrer. Diante dessa função dualista do objeto, a artista desenha nas pás, através da luz que penetra nos cortes, seres guardiões espirituais, como anjos, querubins e arcanjos. Eles atuam entre o visível e o invisível, isto é, entre a vida terrena e a espiritual.
- Charles Mcquillen, *Ritual Trees (Árvores rituais)*, 2002 (polpa de papel no carvalho) – Ritualiza a memória do homem. O artista registrou mãos como imagens e ferramentas para se conectar com o mundo do toque. A árvore – no caso, o Carvalho – que já testemunhou muitas vidas tem como missão vigiar esse campo sagrado, servir aos rituais dos homens contemporâneos que trazem

suas histórias individuais, assim como os monumentos que rodeiam essas árvores.

Assim como esses programas, o projeto “Os Quatro Elementos”, realizado no período de 15 de junho a 30 de setembro de 2003, também proporciona aos visitantes uma interatividade com a produção da arte contemporânea. Coube-lhe propor aos artistas que explorassem conceitos e/ou materiais associados com terra, ar, fogo e água, ou que evocassem o cemitério como ponto de história, de memória e de um mundo misterioso. O Trust Educacional do Cemitério de Forest Hills administra também outros programas, voltados para a preservação do arquivo histórico e dos monumentos em degradação, além de promover excursões educacionais e agendar apresentações musicais.

Dessa forma, a administração do Cemitério de Forest Hills propõe a exploração e o desfrute das várias dimensões dessa cidade ideal construída dentro da cidade real, Boston. Essas experiências, que consideramos inovadoras, vêm legitimar os espaços públicos de memória como espaços para os vivos. Persiste a sua função de “museu a céu aberto”, agora intermediando manifestações culturais diversificadas e atemporais, de forma democrática, espontânea e popularizada.

No Brasil, desconhecemos uma iniciativa de tamanho porte. O caso que mais se aproxima desse tipo de ação educativa são as programações culturais, religiosas e assistenciais promovidas pelo Cemitério Morada da Paz, da cidade de Natal (RN), conforme estudo da antropóloga Milena Carvalho Bezerra Freire.

O EXERCÍCIO DO NOVO EM ESPAÇOS TRADICIONAIS

Pelos exemplos aqui apresentados e analisados, vê-se que alguns cemitérios secularizados incorporam valores e formas da estética moderna e contemporânea, nas fachadas, e nos espaços internos. Observamos que essas intervenções continuam sendo vistas como um produto artístico marginal, e isso não se deve ao valor intrínseco das obras expostas, e sim ao preconceito que ainda se tem pelo local.

Quanto às esculturas e instalações, por mais abstratas que sejam, elas cumprem sua missão: lembrar ao homem contemporâneo que um dia ele morrerá. A salvação da alma continua a fazer parte de nosso repertório imagético e de nossas práticas culturais contemporâneas (Paiva, 2002). As representações atuais da morte agregam novos atributos, próprios de nosso tempo, conforme ressaltamos anteriormente. O imaginário

cristão que persistia no século XIX foi aos poucos sendo substituído pelo profano, no século XX, e hoje advertimos a tendência para um tipo de imaginário místico que agrega a somatória de vários ideários relacionados à morte.

De forma indireta e sutil, as fachadas reformadas e as interferências artísticas contemporâneas nos cemitérios secularizados reforçam o processo dinâmico e atemporal do local, que sempre foi recipiente das manifestações artísticas. Elas de certa forma ajudam a desmistificar o pudor em lidar com o espaço da morte.

BIBLIOGRAFIA

- BAROZZI, Jacques. *Guide des cimetières parisiens*. Paris: Editions Hervas, 1990.
- BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto – Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- _____. *Arte funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira*. In: XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte, 2003, Rio Grande do Sul: *Anais*. Rio Grande do Sul: PUCRS. 1 CD.
- BARBERAN, F. J. R. (coord.). *Una Arquitectura para la Muerte./ Encuentro Internacional sobre los Cementerios Contemporaneos*. Sevilha: Consejería de obras publicas y transportes-Dirección General de Arquitectura y Viviendas, 1993, p. 169-172.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Cemitério Municipal São Francisco de Paula, monumento e documento*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 104, abr. 1995.
- NORMAND-ROMAIN, Antoinette Le. *Mémoire de marbre, la sculpture funéraire en France 1804-1914*. Paris: Agence Culturelle de Paris, 1995.
- PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- Spirits in the trees. Contemporary art at Forest Hills Cemetery, (Boston), Forest Hills Educational Trust, *folder*, 2002. [s.n.p.]
- The sculpture path. Contemporary art at historic Forest Hills Cemetery, (Boston), Forest Hills Educational Trust, *folder*, 2001. [s.n.p.]
- ZANINI, Walter. *Tendências da escultura moderna*. São Paulo: Cultrix, 1971
- ZIMMERMANN, Silvana B. *A obra escultórica de Galileo Emendabili: uma contribuição para o meio artístico paulistano*. 2000. Dissertação (Mestrado em Artes

Visuais) – Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes,
Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.